

Conselhos e Organização em Anton Pannekoek

Pablo Gabriel Mizraji*

MENDONÇA, José Carlos. **Além de partidos e sindicatos: organização política em Anton Pannekoek**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011, 188 p.

Em meio a um momento histórico em que os contextos políticos se redefinem mas sempre apresentando variações sobre o mesmo tema da democracia representativa como regime tendencialmente perene, os projetos de sociedade voltados para o pós-capitalismo são particularmente “esquecidos”. Ousar retirar tais projetos da invisibilidade teórica e prática significa enfrentar potentes engrenagens movidas pelos setores reacionários. E, nesta perspectiva, não basta demarcar-se das esquerdas e direitas tradicionais, mas também afirmar que concepção anticapitalista se está a defender. São tempos em que o afastamento de partidos e sindicatos das necessidades cotidianas das classes trabalhadoras é percebido por expressivos contingentes de explorados e oprimidos que constataam a integração e a subordinação das iniciativas dessas organizações ao Estado. Em tempos assim, é alentador deparar-se com uma publicação que não se limita a criticar a cooptação de partidos e sindicatos por “governos de esquerda” como “de direita”, mas que resgata um debate crucial havido, no seio das esquerdas e do movimento revolucionário internacional há pouco mais de um século, quando este processo de integração se consolidou e que continua praticamente desconhecido no Brasil, mesmo em meios de esquerda.

O livro “Além de Partidos e Sindicatos: organização política em Anton Pannekoek”, de José Carlos Mendonça, publicado pela editora Achiamé em maio de 2011, pretende conhecer o ponto de vista do principal representante da corrente conselhistas sobre organização política: o holandês Anton Pannekoek. José Carlos é Mestre em Sociologia Política, graduado em Direito e História, e atualmente é Doutorando em Ciências Sociais pela UNICAMP e trabalha como técnico e pesquisador junto ao Laboratório de Sociologia do Trabalho

* Acadêmico do Curso de Graduação em Ciências Sociais - UFSC. E-mail: pmizraji@gmail.com

da Universidade Federal de Santa Catarina (LASTRO/UFSC). A obra está estruturada em três partes. Na primeira, José Carlos Mendonça reconstitui o percurso biográfico e intelectual de Pannekoek desde o seu nascimento no interior da Holanda em 1873 até a sua morte em 1960 aos 87 anos. Inclui-se aqui ainda o contexto histórico e político em seus aspectos marcantes para a formação do pensamento do holandês captado em seu processo de maturação por meio de sucessivas rupturas: inicialmente um seguidor pouco crítico do liberalismo de Stuart Mill por influência paterna, a seguir um empolgado militante da socialdemocracia holandesa e alemã, e, após um breve período de aproximação com o bolchevismo logo seguido por cinco anos de reflexão introspectiva, finalmente para as posições maduras do Pannekoek teórico dos Conselhos Operários e da autonomia do proletariado. A segunda parte expõe a crítica de Pannekoek às formas organizativas de tipo socialdemocrata, bolchevique e das burocracias sindicais, partidárias e estatais. A terceira parte está dedicada a apresentar as formas concebidas por Pannekoek em substituição a partidos e sindicatos, formas de organização e formas de luta. Ao final José Carlos Mendonça conclui que apesar de parte do legado teórico de Pannekoek não ter resistido ao tempo, boa parte de suas contribuições continuam válidas para se pensar a contemporaneidade em perspectiva.

Pannekoek presenciou todo o chamado “movimento operário e socialista” e sua vida e obra políticas foram parte de um esforço consciente para expressar teoricamente as raízes mais radicalizadas daquele movimento fornecendo-nos um panorama de uma visão autocrítica do movimento operário, assim como um método para se pensar formas de organização em meio a processos conjunturais de ruptura social.

Embora não seja uma biografia, “Além de Partidos e Sindicatos” suplementarmente, em consonância com Paul Mattick, pensador, militante e companheiro de Pannekoek, revela a personalidade científica e acurada do holandês, antes mesmo de tornar-se um marxista, de modo que Pannekoek foi ao mesmo tempo “teórico dirigente do movimento operário radical, mas também um astrônomo e um matemático de reputação mundial.” (MATTICK, 2011).

A aplicação desse método resultou não apenas na crítica e superação das formas partidárias e sindicais bem como deixou Pannekoek cada vez mais distante da ideia bolchevique de controle do Estado. Para o holandês, sindicato e partido político se distanciaram

do proletariado - “as formas externas assumidas pelas instituições são secundárias em relação ao caráter de classe proletária” (p. 34) – e o controle do Estado pela fórmula das revoluções burguesas “conquista do poder político, instalação de um novo governo, expropriação jurídica dos capitalistas para somente então organizar a produção” (p. 148) apenas leva ao Capitalismo de Estado. Vale ressaltar que, antes do processo revolucionário se dar na Rússia em 1917, Pannekoek foi um dos poucos teóricos marxistas a sustentar uma posição crítica sobre a questão estatal.

José Carlos Mendonça descreve ainda como Pannekoek realizou a seu modo o que Karl Korsch, outro teórico do conselhismo, denominou “a aplicação do materialismo histórico ao próprio materialismo histórico” (KORSCH, 2011), dado que Pannekoek não se limitou a combater apenas a atuação de dirigentes ou a linha política adotada por este ou aquele partido ou sindicato, mas demonstra a falência e a superação histórica destas formas de organização para a transformação social. Isto sem perder a centralidade da crítica na própria existência do Estado.

O modo como Pannekoek expressou teoricamente a ação direta das massas e a experiência dos *soviets*, eram diretamente antagônicos ao modelo desenvolvido e levado a cabo pelos bolcheviques na Rússia, o qual aparecia para ele como um sistema reformista de imposições unilaterais. Não materializava a metodologia revolucionária de criação de formas alternativas a um poder puramente político, logo, puramente burguês.

Esta subsunção da dimensão política na dimensão econômico-social em sua prática e em suas elaborações possibilitou que Pannekoek exercesse influência teórica em diversos setores do movimento proletário em diferentes países mesmo sem ter participação direta neles. Do mesmo modo, sua percepção do refluxo das forças proletárias, sua demonstração do caráter contrarrevolucionário do parlamento, obtiveram reconhecimento das parcelas mais radicalizadas do movimento à época. As formulações de Pannekoek sobre a permanência do aparato estatal durante o processo revolucionário, apresentaram pontos de semelhança às críticas elaboradas por teóricos anarquistas contemporâneos a Marx e Engels, como Mikhail Bakunin, Eliséé Reclus e James Guillaume. Todos defendiam a total destruição do Estado, de baixo para cima por meio de uma Revolução Social ancorada sobre o federalismo ou socialismo libertário. Porém, é importante destacar que não existiu uma proximidade política de Pannekoek com as correntes anarquistas de

seu tempo. Estas, Pannekoek considerou “muito restritas para serem úteis hoje em dia à luta de classe operária” (p. 77), referindo-se especialmente à tendência anarcossindicalista da qual os conselhistas divergiram.

José Carlos Mendonça cumpriu o objetivo geral de apresentar o pensamento político de Pannekoek referente à crítica das instituições criadas pelo proletariado e assimiladas pelo Estado, mas também nos apresentou que tipos de formas podem ser criadas pelos que lutam contra o capitalismo. O pensamento pannekoekiano trazido de volta do ostracismo forçado pelos marxismos ortodoxos da II e III Internacionais, pela consistência teórica de suas análises para o presente/futuro, formam um valioso arcabouço para o momento atual.

O domínio demonstrado por Pannekoek do método do materialismo histórico, se entendido e aplicado, pode servir de antídoto contra formas de pensar superadas e ainda incrustadas nas práticas das autoproclamadas vanguardas que aspiram conduzir “massas inconscientes”, e da esquerda como um todo. A demolição das bases filosóficas do jacobinismo de tipo leniniano constitui-se em um vigoroso exemplo. Outro exemplo significativo podemos encontrar na análise pannekoekiana acerca dos Conselhos Operários onde encontramos “o caminho das pedras” para novas ações e formas de organização especificamente autônomas:

[...] não podem existir partidos com chefes e programas determinados [...] as organizações de classe não são os sindicatos que se burocratizaram [...] as figuras centrais (da organização) serão os conselhos operários, os verdadeiros *soviets*. As velhas organizações serão todas inimigas, o partido comunista como servo do Capitalismo de Estado russo, o partido socialista como servo do capitalismo privado ocidental e estadunidense. A nova propaganda conselhistas é necessária para despertar e persuadir as massas. (p. 75).

A perspectiva pannekoekiana ao sublinhar a importância da luta social, nos é útil também nos debates sociológicos ao se contrapor às correntes filosófico-científicas assentadas sobre epistemologias fenomenológicas, fundadas em visões gerais abstratas do processo de percepção da realidade, que propõem deslocar o foco analítico do cientista social da relação de classes para objetos subjetivistas. Coerente consigo mesmo, Pannekoek extraiu suas observações de experiências concretas. Mais um motivo válido para que o livro de José Carlos Mendonça seja lido.

Referências

KORSCH, Karl. **Marxismo e filosofia**. Disponível em:
<<http://www.socialismo.org.br/portal/filosofia/157-livro/1886-karl-korsch-marxismo-e-filosofia>>. Acesso em: 14 ago. 2011.

MATTICK, Paul. **Pannekoek** (biografia). Disponível em:
<<http://guy-debord.blogspot.com/2009/06/paul-mattick-pannekoek-biografia.html>>. Acesso em: 15 ago. 2011.